Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
FLH 0421 – Ensino de História: Teoria e Pratica (2021)
Prof.ª Dra. Antônia Terra Calazans Fernandes

Sequência Didática
O RAP como aula de história não contada do Brasil

Maria José Iachinski
Nº USP: 9337346

Introdução

Tema: *O RAP como aula de história não contada do Brasil*

Público Alvo: Ensino Médio.

Objetivos

- ✓ Perceber os apagamentos históricos das contribuições da intelectualidade e da cultura não branca na história do Brasil;
- ✓ Perceber as conexões entre o passado e o presente na vivência cotidiana da sociedade brasileira;
- ✓ Perceber que as diferenças de tratamento de gênero e raça na estrutura social do Brasil tem raízes históricas;
- ✓ Perceber o rap como um fenômeno histórico e como instrumento de resistência política e social da população negra;
- ✓ Analisar das estruturas raciais, de classe e de gênero através das letras de RAP.

Tempo Mínimo Necessário: 5 horas.

Metodologia

Nesta aula busca-se apresentar para o estudante as possibilidades de análise e entendimento da história e das estruturas sociais do Brasil através da musicalidade brasileira: o RAP.

Para que tal objetivo seja concluído, a aula será dividida em cinco partes:

1. No primeiro momento será apresentado o filme/documentário *AmarElo – É Tudo Pra Ontem*, do Emicida, produzido pela Laboratório Fantasma e a Netflix;[1]
2. No segundo momento será aberto um debate com a turma, para que eles e elas possam expressar as suas opiniões e entendimentos acerca do filme. Para tanto, serão usadas algumas perguntas norteadoras que estão impressas no subtópico "segunda parte da aula";
3. No terceiro momento serão montados grupos para que os estudantes tenham contato com alguns rappers brasileiros e suas respectivas letras. Por consequência os alunos terão contato com documentos e poderão, através da discussão e dos

[1] O filme/documentário pode ser acessado no streaming da Netflix.

seus conhecimentos prévios, fazer interpretações das canções e estabelecer conexões com o debate apresentado no item 1 e 2;

4. Na quarta parte os alunos apresentarão para a turma as suas impressões acerca das canções dadas para eles. Nesse momento, o ideal é que a turma possa ter acesso a todas as letras e possa surgir um debate acerca da historicidade das canções, suas relações com a história do Brasil e, por consequência, os debates acerca de classe, raça e gênero expressos nelas.
5. No quinto momento, o professor deve fazer uma conclusão das discussões apresentadas pelos estudantes. Estabelecer marcos temporais e históricos da ascensão do rap, relacionando com a cultura hip-hop e brasilidade embutida nele.

Primeira parte da aula

Neste momento da aula os estudantes devem assistir ao filme/documentário "AmarElo – É Tudo Pra Ontem" do cantor e compositor Emicida. O documentário tem cerca de 1 hora e 30 minutos. Se for possível, pedir para que os estudantes anotem os trechos ou aspectos que acharam mais interessantes ou relevantes.[2]

Segunda parte da aula

Após o filme/documentário, o professor ou professora deve perguntar para os estudantes o que eles acharam do documentário e quais são os comentários que gostariam de fazer a respeito dele.

Alguns aspectos são fundamentais e, por isso, algumas perguntas devem ser feitas para nortear do debate. São elas:[3]

1. Por que o Emicida escolheu o Teatro Municipal como palco do show de lançamento do disco AmarElo?
2. Por que o artista escolheu o mês de novembro para tal lançamento?
3. O Emicida, ao longo do filme/documentário, disserta que a escolha do Teatro Municipal serve como um marcador do tempo. Por que ele usa essas palavras?
4. Por que o documentário é dividido em três partes: Plantar, Regar e Colher?

---

[2] Seria interessante se houvesse a possibilidade de os alunos e alunas ouvirem o álbum AmarElo do cantor Emicida antes da atividade. Tal direcionamento pode ser passado na aula anterior como dever de casa.

[3] Importante salientar que o documentário é riquíssimo, o que significa que ele não se esgota nas perguntas apresentadas. Elas servem, apenas, como um fio condutor do debate para que os estudantes estabeleçam as conexões entre o passado e o presente através da música brasileira e dos agentes históricos que as protagonizaram.

5. Quais são as conexões entre o passado e o presente expressos pelo filme/documentário?
6. Num dado momento, Emicida chama a atenção para o uso da palavra interseccionalidade. De que forma isso foi apresentado no filme/documentário?

Todas as perguntas acima levantadas ajudam a construir um maior entendimento dos conceitos e das ideias apresentadas pelo documentário. Assim como permite que os alunos expressem os seus entendimentos e interpretações acerca dele.

Orientações para o professor: O documentário traz aspectos interessantes para pensar a construção da cidade de São Paulo, das periferias e da marginalização da população não branca para, entre outros aspectos, embasar a escolha do Teatro Municipal como espaço de estreia do álbum AmarElo.

As músicas do disco servem de fio condutor e aglutinador de discussões de questões muito profundas da história do Brasil e, particularmente, da história da população não branca. Nesse sentido, a narrativa busca engrandecer e tirar da invisibilidade a história de personalidades negras importantes para a intelectualidade e formação cultural brasileira. Nomes como Abdias Nascimento e Lélia Gonzales são citados no documentário, assim como parte da história do Movimento Negro Unificado (em que algumas pessoas do grupo estão presentes no show, quando Emicida canta o single "Pantera Negra").

Dito isso, esse é um momento da aula importante para discutir conceitos como negritude e branquitude, apagamento histórico, resistência negra, estrutura racial brasileira, racismo, feminismo e interseccionalidade. Conceitos esses que estão presentes de forma direta no documentário e no cotidiano dos estudantes, fato que pode aproximar as discussões da vivência dos alunos e alunas e, por consequência, enriquecer o debate durante a aula.

Somado a esses fatores, o documentário faz uma narrativa não linear da história, demonstrado as conexões entre as gerações. De forma poética e metafórica, Emicida usa um ditado Yorubá "Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje", para expressar os diálogos e as conexões entre o passado e o presente. Aspecto esse que se relaciona com a escolha do Teatro Municipal como palco do lançamento do disco. Esse fator deve ser discutido em sala de aula para que os estudantes entendam que a história se materializa no cotidiano e que, assim como as pessoas ao longo da história foram

agentes históricos, eles também o são. Isso se torna importante como um norteador de pensamento crítico, de cidadania e de formação política dos adolescentes. Como outro aglutinador dessa argumentação, existe outra fala do Emicida que pode servir como ponto de partida para essa reflexão "Eu não sinto que eu vim, eu sinto que eu voltei".

Por fim, o rap pode ser um ponto de partida para pensar questões da sociabilidade, da cultura e da voz da população periférica e não branca do Brasil. Aspectos esses que, além dos pontos já citados, estabelecem uma relação íntima com uma história oral, pois muitos dos MC's estão narrando histórias reais que são compartilhadas por uma parcela significativa da população brasileira e que, portanto, encontram um ponto em comum.[4]

Terceira parte da aula

Neste momento da atividade, os alunos já tiveram uma discussão a respeito do documentário e os conceitos e entendimentos estão mais elaborados e direcionados. Agora eles devem ser divididos em grupos e fazer análises de músicas que lhe serão entregues. Abaixo é possível ter acesso a algumas sugestões de músicas que podem ser usadas na sala de aula.

Grupo 1

Ubuntu Fristilli - Emicida

Axé pra quem é de axé
Pra chegar bem vilão
Independente da sua fé
Música é nossa religião

Okay, okay, okay, okay, jow, seja forte
É nossa cara fazer a vida ser certa mais que a morte
Eu me refaço após cada passo, igual reflexo nas poças
Mandinga, coisa nossa
Eles não vão entender o que são riscos
E nem que nossos livros de história foram discos
Bamba, bamba, um bom samba, alguns petiscos
Ki-Suco rende dois litros, melhor que Frisco
Faz de conta que os racistas não perde a linha
Quando ergo a mão da filha dele sem armas nas minhas
Ruivas, morenas, pretas, divas, loirinhas
Doidas pra curtir quermesse de

[4] Uma das músicas escolhidas para a terceira parte desta sequência didática, também do cantor e compositor Emicida, resgata essa ideia "Eles não vão entender o que são riscos e nem que os nossos livros de história foram discos".

quebradinha
Onde um DJ comanda e manda, sabe o que faz
MCs são griozo, o mic é pros capaz toca um "ré laifai for roc dérelai for roc, for roc"
E quebra tudo em paz, ou mais, arrepia agora
A África está nas crianças, e o mundo?
O mundo está por fora
Então saravá Ogum, saravá Xangô, saravá
Saravá vovó, saravá vovô, saravá
Saravá mamãe, saravá papai, ô
De pele ou digital, tanto faz é tambô
Eu meto essa memo, eu posso
E 'tô pra ver, algo valer mais que um sorriso nosso
Graças ao quê, graças aos raps
Hoje eu ligo mais quebradas do que o Google Maps
Então respeite meus cabelos crespos, okay okay
Pronto, falei

Pra chegar bem vilão (bem vilão)
Independente da sua fé
Música é nossa religião

Axé pra quem é de axé
Pra chegar bem vilão
Independente da sua fé
Música é nossa religião

Pra chegar bem vilão (é filho)
Independente da sua fé
Música é nossa religião

Axé pra quem é de axé (com todo respeito)
Pra chegar bem vilão (na simplicidade)
Independente da sua fé
Música é nossa religião

Mas fique esperto porque sonho é planejamento, investimento, meta. Tem que ter pensamento, estratégia, tática. Eu digo que sou sonhador, mas sonhador na prática. 'Tô ligado que a vida bate, 'tô ligado quanto ela dói. Mas com a palavra me ergo e permaneço, porque a rua é nóiz. Portanto, meu irmão, preste atenção no que vende o rádio, o jornal, a televisão. Você quer o vinho, eles encarecem a rolha. Deixa de ser bolha e abre o olho pra situação. A palavra é a escolha, a escolha é a palavra, meu irmão. Se liga aqui, são palavras de um homem preto, samurai, brasileiro, cafuzo, versador. Com tambor de ideias pra disparar. Não são palavras de otário, já te falei, escreve aí no seu diário. Se eu sou dono do mundo, é porque é do sonho que eu sou milionário, falei, falou tudo.

Orientações para o professor: Esta canção aborda, entre outros aspectos, a relação da fé, da cultura negra e do orgulho negro. Além disso, esboça o rap como um espaço de diálogo entre lugares distantes, fator que pode ser diretamente relacionado com o que foi feito na discussão da parte 2, avivências que podem ser narradas nas músicas e que, de alguma maneira, unem pessoas que não necessariamente se conhecem. Fator esse que tem raiz histórica e que se demonstra na vivência de jovens negros nos espaços de sociabilidade, sejam na periferia ou não.

Grupo 2

Cartão de Visita – Criolo

Acende um incenso de mirra francesa
Algodão fio 600
Toalha de mesa
Elegância no trato é o bolo da cereja
Guardanapos gold e agradável surpresa
Pra se sentir bem com seus convidados
Carros importados garantindo
translados blindados
Seguranças fardados
De terno Armani, Loubutin os sapatos
Temos de galão, Dom Perignon
Veuve Clicquot pra lavar suas mãos
E pra seu cachorro de estimação
Garantimos um potinho com um pouco
de Chandon
MC Lon 'tá portando VIP
Tássia tem um blog de fina estirpe
Pra dar um clima cult ofereço de brinde
Imãs de geladeira de Sartre e Nietzsche
Glitter glamour, La Mazon Criolê
O sistema exige perfil de TV
Desculpa se não me apresentei a você
Esse é meu cartão, trabalho no buffet

Acha que 'tá mamão, 'tá bom
'Tá uma festa
Menino no farol se humilha e detesta
Acha que 'tá bom
Não é não nem te afeta
Parcela no cartão
Essa gente indigesta

O governo estimula e o consumo
acontece
Mamãe de todo mal a ignorância só
cresce
FGV me ajude nessa prece
O salário mínimo com base no DIEESE
Em frente a shoppings marcar rolêzins
Debater sobre cotas, copas e afins
O opressor é omisso e o sistema é
cupim
E se eu não existo, porque cobras de
mim?
O mamão
(Papaya cassis)
Rum com (sorvete de Bis)
Patrício gosta e quem não quer ser
feliz?
Pra garantir o patê dão até o edí

Era tudo mentira sonhei pra valer
Com você eu ali nós dois, CVT
A alma flutua
Leite a criança quer beber
Lázaro alguém nos ajude a entender

Acha que 'tá mamão, 'tá bom
'Tá uma festa
Menino no farol se humilha e detesta
Acha que 'tá bom
Não é não nem te afeta
Parcela no cartão
Essa gente indigesta

Orientações para o professor: O Criolo costuma usar jogo de palavras e muitas metáforas para construir a sua narrativa. Nesta música em específico, temos a apresentação de um espaço elitizado (de uma forma satírica e de ostentação da burguesia brasileira) e, quando chegamos no refrão, descobrimos que a pessoa que está narrando é um dos trabalhadores do buffet. Nesta canção, os aspectos de raça e, principalmente, de classe podem ser enfatizados, pois o cantor faz esse contraste entre os grupos sociais, assim como faz menção ao Estado brasileiro e ao sistema capitalista. Todos esses pontos podem ser discutidos em relação com os estudantes, pois também estão estruturantes da sociedade brasileira e, portanto, possuem raízes históricas.

Grupo 3

Um Bom Lugar – Sabotage

Sou Sabotage, um bom lugar
Se constrói com humildade, é bom lembrar
Aqui é o mano Sabotage
Vou seguir sem pilantragem, vou honrar, provar
No Brooklyn, 'to sempre ali
Pois vou seguir, com Deus enfim

Não sei qual que é, se me vê dão ré
Trinta caras a pé, do Piolho vêm descendo lá na Conde, ferve
Pisca e clack, enlouquece, breck
Só de arma pesada, inferno em massa
Vem violentando a minha quebrada, basta
Eu registrei, vim cobrar, sangue bom
Boa ideia quem tem, não vai tirar a ninguém
Meditei, mandando um som com os irmãos da Fundão
Volta ao Canão se os homens vim
Disfarça o grandão

RAP é o som
Embora lá no morro, só louco
A união não tem fim
Vai moscar, se envolve jão

Já viu seus pivetes dizer que RAP quer curtir
O beat fortalece, nunca esquece
Quem conclui é o mestre, basta
Que longe for, bem como tolo poupo, pra conseguir forte dor
Tem que depor e não voltar, sujou
Bem vindo ao inferno, aqui é raro, eu falo sério
Pecados anticristos e mortal patifaria, aí meu
Vai batalhar, tenta a sorte, seja forte
Só o destino aqui resolve
Pauleca, Bulinho, só saudades
Fez da vida por aqui de mente erguida
Sem mentira, com malícia, me passou lição de vida

Um bom lugar
Se constrói com humildade, é bom lembrar
Aqui é o mano Sabotage
Vou seguir sem pilantragem, vou honrar, provar
No Brooklyn, tô sempre ali
Pois vou seguir, com Deus enfim

Três cara simples
Gostavam mais de ouvir e aprender
Até que fatalidades com certeza e é o seguinte
Sempre assim, maquiavélico, maldade se percebe aqui
Cuidado é falsidade estopim
Dois mil graus
É ser sobrevivente
E nunca ser fã de canalha
A luta nunca vale a experiência
É Santo Amaro a Pirituba o pobre sofre, mas vive
A chave é ter sempre resposta àquele que inflige
A lei na blitz, pobre tratado como um cafajeste
Nem sempre polícia aqui respeita alguém
Em casa invade, a soco ou fala baixo ou você sabe
Maldade, uma mentira deles, dez verdades

Momentos oculares é respeito
Estilo um cofre
Só leva os fortes
Filhos do vento, um super homem
Lá, cada vez tem um largado atrás do poste
Quando inflama, é capaz de denunciar o irmão pros homens
Fuja, se jogue, o vaps não se envolve
Anda só, na sul respeito é lei 'tá bem melhor
Tipo madeira, estilingue
Exige uma forquilha
RAP é mili dia, um integrante da família
Com uma ideia fixa
Que atinge a maioria, que ainda acredita
No plano B, periferia

Hoje quem pratica
'Tá ligado que é o que liga
Porque vira, vira, vira

Do ano 2000 pra frente
Homens do passado pensando no futuro, vivendo no presente
Há três tipos de gente
Os que imaginam o que acontece
Os que não sabem o que acontece
E nós que faz acontecer
O bolo, guacê
Unidos a gente fica em pé
Dividido a gente cai
Quem falha cai
Um biribaibaibai
A colaboração do som é a carta na mesa
Aqui rima: Black Alien, Sandrão, Helião, Sabotage
À vontade na balada desde ontem à tarde
Habilidade é o Álibi
No beat, Ganjaman, Zé Gonzales
Quem 'tá no erro sabe
Cocaína no avião da FAB
Ninguém vai deter o poder
O crime, de lá crime de Niterói-SP
Phd em THC no país de FHC
Dream Team da rima, essa união me dá alta estima
Mestre das armas do microfone à esgrima
Vê se me entende, o estudante aprende
O professor ensina
O verbo que fortalece como vitamina
Contamina, na nova velha escola
Como o vírus ebola
Beach (rebola)

Se liga na fita, danados, otários estão maquinados no morro
Pelo que falaram podem atirar, depois prestarem também um socorro
Mas abre o olho, o cara piolho é sempre um mano dos nossos
Inimigo meu tem Astra, Barca, Blazer e também tem moto
É Zona Sul Canão, meu bairro, pilotei não deixei rastro
Comentário forjaram dois Ipanemas no bafo
Mas no bairro eu pego meu fino, na fé vinha vindo, na fé vou seguir
Deus que me livre na mira dos tiras
Meu nego, não fico, não brinco, nem mosco
Medo, só vejo destroço do pobre que acorda com ódio
Longe do céu não pode ser réu, quem vem das ruas não joga fácil
Se o Trinity nasceu aqui, viveu no Brooklyn, quero ver mais
Eu quero todos ver os manos sim

É, mas se for pra trocar ideia com os mano até é melhor pra mim
Osasco é considerado aceita um jasc em Santo Antônio ali
Se colar ali Anderson franja na linha de

frente
Foi bom fumar um do bom com atlético casa cheia
Bate cabeça faz presença e diferença
E representa o que é feliz vários mano tudo de fé, irmão do Xis
É o que diz que os mano pou e as mina pá
Vamu agitar, vagabundo do segundo do A
Vem pra trincar, só o pó
Rolou também um dance tipo preto louco assim
Queda uma de horror me dá um cigarro, por favor
Mas que calor o suor desce a gente esquece o que sucede
Os truta tudo da hora não demora dão uma mola e curte o RAP
Compromete vários manos que dançando break
Roda no meio da gente, entende, é atraente
Isso é lição pra mim como inspiração importante sim
Não é qualquer que segue em frente e dança um bom break
Rzo é nossa sigla representa tudo que eu vejo
O grafite na parede já defende algum direito, daquele jeito
Assim que é tem que por fé, não de ré
Bota fé no que é, não nos mané
Eu vejo a correria todo dia quem acredita não é de hoje
Na São Bento eu me lembro, eu assistia não resistia
Voltava rimando no busão igual computador tutututu

Um bom lugar
Se constrói com humildade é bom lembrar
Aqui é o mano Sabotage
Vou seguir sem pilantragem, vou honrar, provar
No Brooklyn, tô sempre ali
Pois vou seguir, com Deus enfim

Sobreviver no inferno
A obsessão é alternativa
Eu quero o lado certo
Brooklyn, Sul, paz eu quero, prospero
Eu vejo um fim pro abandono
Deixa rolando, ninguém aqui nasceu com dono
Então mas por enquanto, eu vejo muita mãe chorando
Alguns parando, trampando ou se recuperando
Do eterno sono
Tipo Rafinha e o Adriano
Milagre em dobro
O livramento vem pros manos

Tem que ter fé aqui sim, tem que insistir
Humilde, só assim para progredir enfim
Quero juntar assim com os manos
E protestar o preconceito daquele jeito
Eu sei que vou traçar os planos

Cantar pras minas e os manos
Eu não me escondo
Eu me emociono
Me levantando como deve ser
Lá vem polícia
Sai da pista, hasta la vista, baby
Andar de monte a chave a cara é ter
Deus em mente

Longe daquela e dois pente
Há quem não precise

Entende, Sonic e Cyclone, ágil, ouriço e resistente
Brooklyn, Sul, Canão
Sobrevivente
Age, age, age
Sou Sabotage
Um bom lugar
Lugar, lugar, lugar, lugar
Um bom lugar, ha, ha ha, ha
Um bom lugar, lugar
Ha, ha, ha

Orientações para o professor: Esta canção dialoga com os pontos citados nas outras canções, como a questão racial e de classe, mas também aborda parte do cotidiano da periferia, como a ação policial, por exemplo. Além disso, esboça aspectos de temporalidade dos cantores e, portanto, como o rap se torna um lugar de resistência e de voz da periferia. Como está sendo abordado de forma mais direta a periferia e seus espaços de sociabilidade, é possível fazer menção a construção histórica desses espaços na cidade de São Paulo, narrado no documentário. Com o crescimento da cidade, a população pobre e negra, passou a morar nos lugares mais distantes do centro, espaços esses marcados pela desigualdade social.

<u>Grupo 4</u>

Negro Drama – Racionais MC's

Negro drama, entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama, cabelo crespo e a pele

escura
A ferida, a chaga, à procura da cura

Negro drama, tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada
Sente o drama, o preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança

Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fudido
O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando: O que você tem a ver com isso?

Desde o início por ouro e prata
Olha quem morre, então veja você quem mata
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural

Histórias, registros e escritos
Não é conto, nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?
Então, olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão

Eu sou irmão dos meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha
Tin-tin, um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias

O dinheiro tira um homem da miséria
Mas não pode arrancar de dentro dele a favela
São poucos que entram em campo pra vencer
A alma guarda o que a mente tenta esquecer

Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota
Quem teve lado a lado e quem só ficou na bota
Entre as frases, fases e várias etapas
Do quem é quem, dos mano e das mina fraca

Negro drama de estilo
Pra ser e se for, tem que ser, se temer é milho
Entre o gatilho e a tempestade
Sempre a provar que sou homem e não um covarde

Que Deus me guarde pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto
Eu visto preto por dentro e por fora
Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória

Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate
O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro

Pesadelo é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
Num clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil
Um fuzil

Negro drama

Crime, futebol, música, carai
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu sou mais um
Forrest Gump é mato
Eu prefiro contar uma história real
Vou contar a minha

Daria um filme
Uma negra e uma criança nos braços
Solitária na floresta de concreto e aço
Veja, olha outra vez o rosto na multidão
A multidão é um monstro, sem rosto e coração

Ei, São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel
Família brasileira, dois contra o mundo
Mãe solteira de um promissor vagabundo

Luz, câmera e ação, gravando a cena vai
Um bastardo, mais um filho pardo, sem pai
Ei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé

Cê disse que era bom e as favela ouviu
Lá também tem whisky, Red Bull, tênis Nike e fuzil
Admito, seus carro é bonito
É, eu não sei fazer
Internet, videocassete, os carro loco

Atrasado, eu tô um pouco sim
Tô, eu acho
Só que tem que, seu jogo é sujo e eu não me encaixo
Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal

Problema com escola, eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto

Esse não é mais seu, ó, subiu
Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?
Seu filho quer ser preto, há, que ironia

Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?
Sente o negro drama, vai tenta ser feliz
Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?

Eu recebi seu tic, quer dizer kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite
De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
Você, não, cê não passa quando o mar vermelho abrir

Eu sou o mano, homem duro, do gueto, Brown, Obá
Aquele louco que não pode errar
Aquele que você odeia amar nesse instante
Pele parda e ouço funk
E de onde vem os diamantes? Da lama
Valeu mãe, negro drama
Drama, drama, drama

Aê, na época dos barracos de pau lá na Pedreira, onde cês tavam?
Que que cês deram por mim? Que que cês fizeram por mim?
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho
Agora tá de olho no carro que eu dirijo
Demorou, eu quero é mais, eu quero até sua alma

Aí, o rap fez eu ser o que sou
Ice Blue, Edy Rock e KL Jay e toda a família
E toda geração que faz o rap
A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar
Anos 90, Século 21, é desse jeito

Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?
Cê tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho em você, morou?
Sabe por quê? Pela sua origem, morou irmão?
É desse jeito que você vive, é o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama

Aí Dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha
Mas aê, se tiver que voltar pra favela
Eu vou voltar de cabeça erguida
Porque assim é que é
Renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé

Vagabundo nato

Orientações para o professor: Uma das músicas mais famosas do Racionais e que, com certeza, poderia ser usada em qualquer aula de história para esboçar diversos aspectos históricos, sociais e políticos da história brasileira. Os cantores, Edy Rock e Mano Brown, utilizam diversos marcadores para demonstrar o tempo, como o período colonial (marcado, entre outras coisas, pela exploração aurífera e escravidão). Somado a esses aspectos, a canção narra a realidade de jovens negros da periferia e, da mesma maneira que o documentário, expressa como a população negra construiu, de forma ativa, os espaços, prédios, monumentos, a cultura brasileira, etc. assim como expressa a desigualdade social e a cidade de São Paulo

Quarta parte da aula

Como dito anteriormente, na quarta parte da aula deve haver uma apresentação das impressões e interpretações das canções feitas pelos estudantes. Neste momento, seria interessante que todos os estudantes tivessem acesso as letras das canções e a própria música. A musicalidade das canções escolhidas tem nuances, são diferentes entre si, o que pode suscitar uma reflexão interessante aos alunos e alunas.[5]

Quinta parte da aula

A partir da discussão exposta na quarta parte da aula, neste momento o professor deve costurar toda a discussão e apresentar os conceitos norteadores da aula para que os objetivos da mesma sejam concluídos.

Orientações para o professor: Para que isso seja possível, o docente deve esclarecer que as canções, ao narrarem uma realidade que não é apenas subjetiva, estão entrelaçadas com fatores históricos. Nesse sentido, as letras retiram da invisibilidade uma gama de vivências que foram negligenciadas e apagadas ao longo da história. Esses aspectos da estrutura social do Brasil se relacionam diretamente com a escravidão e as formas com as quais o Estado brasileiro lidou com os ex-escravizados e com a população não branca.

[5] A ideia de apresentar a canção para todos, desta maneira, possibilita que toda a turma tenha um acesso mais profundo das canções. Assim, os grupos não ficam presos apenas nas canções dadas a eles e tem acesso a todas músicas discutidas em todos os grupos. Com a sonoridade, a letra também pode fazer ainda mais sentido para todos eles e isso pode tornar o debate mais rico.

Nesse sentido, também é possível perceber os aspectos que ligam o presente ao passado. Como forma de deixar isso mais palpável para os estudantes, é possível resgatar aspectos da história recente do Brasil, como as manchetes de jornal abaixo:

Imagem I

Caso Miguel: como foi a morte do menino que caiu do 9º andar de prédio no Recife

Criança de 5 anos caiu após ser deixada aos cuidados da patroa da mãe. Sari Corte Real, primeira-dama de Tamandaré, foi presa por homicídio culposo e solta após fiança de R$ 20 mil.

Por G1

05/06/2020 12h15 · Atualizado há um ano

Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml

Imagem II

Entenda como foi a morte da menina Ágatha no Complexo do Alemão, segundo a família e a PM

Criança estava voltando para casa de Kombi com a mãe quando foi baleada na Fazendinha. Moradores dizem que não havia confronto e policial efetuou o disparo. PM nega acusação.

Por G1 Rio

23/09/2019 09h47 · Atualizado há um ano

Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml

Imagem III

Caso do pedreiro Amarildo completa 5 anos; família ainda não foi indenizada

Sentença pede pagamento de R$ 3,5 milhões aos familiares do pedreiro, mas caso ainda está em andamento. Alguns PMs, que foram responsabilizados pela tortura e desaparecimento de Amarildo, já estão soltos.

Por Matheus Rodrigues, G1 Rio

13/07/2018 06h00 · Atualizado há 3 anos

Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/caso-do-pedreiro-amarildo-completa-5-anos-e-familia-ainda-nao-foi-indenizada.ghtml

Imagem IV

Entregador sofre ofensas racistas em condomínio de Valinhos; VÍDEO

Nas imagens, é possível ver que morador aponta para a própria pele e diz que o motoboy tem 'inveja disso aqui'. Profissional registrou boletim de ocorrência.

Por EPTV 1

07/08/2020 11h56 · Atualizado há 11 meses

Disponível em: https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/08/07/entregador-registra-boletim-de-ocorrencia-apos-sofrer-ofensas-racistas-em-condominio-de-valinhos-video.ghtml

Todas essas manchetes, embora tratem de casos diferentes, estão demonstrando que o que foi narrado pelas músicas e pelos rappers faz parte de uma realidade da história do Brasil. Que a violência, a negligência do Estado, o racismo, o genocídio e as

desigualdades sociais são latentes na vida de pessoas negras, pobres e periféricas. Esses materiais podem ser usados como fontes primárias, assim como as canções, para um ponto de discussão mais ampla sobre as estruturas históricas acerca das questões de gênero, raça e de classe.

Filmografia

AMARELO – É TUDO PRA ONTEM. Fred Ouro Preto. São Paulo. Laboratório Fantasma e Netflix. 2020. 89 minutos.

Bibliografia

GUIMARÃES, Maria E. Do samba ao rap: a música negra no Brasil. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SILVA, José C. Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana. Tese (Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

TELLA, Marco A. Atitude, arte, cultura e autoconhecimento: o rap como voz da periferia. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2000.

ZABALA, Antoni. *Os enfoques didáticos*. In: COLL, César, MARTÍN, Elena… (org.). *O construtivismo em sala de aula*. São Paulo: Ática, 1996, p. 153 - 196.